

# COMUNICAÇÃO, CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SOCIAIS E CONFIANÇA NO *COUCHSURFING*

## *Communication and the construction of trust and social bonds at Couchsurfing*

Ramon Bezerra Costa\*  
Fernando do Nascimento Gonçalves\*\*

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o fenômeno da construção de vínculos sociais emergentes e da confiança entre pares no *Couchsurfing*, um site que oferece serviços de hospitalidade gratuitos, segundo o qual desconhecidos podem receber viajantes em sua casa ou se hospedar na residência de outras pessoas. A metodologia utilizada inspira-se na Teoria do Ator-Rede de Bruno Latour e no Método Cartográfico de Deleuze e Guattari, e as reflexões têm como base empírica a primeira experiência de hospedagem de um dos autores, além de relatos de participantes. Inicialmente, apresenta-se o *Couchsurfing* e as questões que se pretende discutir. Em seguida, é descrito o relato de campo e finalmente analisa-se a construção dos vínculos emergentes e da confiança como uma problemática comunicacional.

**Palavras-chave:** *Couchsurfing*. Vinculação social. Confiança.

\* Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). *E-mail:* <ramonbzc@gmail.com>.

\*\* Professor no PPGCOM-Uerj. Doutor em Comunicação pela UFRJ, Rio de Janeiro – RJ. *E-mail:* <goncalvesfernandon@gmail.com>.

Revisão técnica e ortográfica: os autores

Data da submissão: 17/dezembro/2014

Data da aprovação: 21/janeiro/2015

## ABSTRACT

This article aims to discuss the phenomenon of the construction of trust and of emerging social bonds among peers at *Couchsurfing*, a web-based platform which offers free hospitality services, in which unknown people can have travelers in their own homes or stay in the other's unknown people's homes. The methodology is grounded in Bruno Latour's Actor-Network Theory and Cartographic Method by Deleuze and Guattari. The analysis have an empirical basis from a lodging experience of one of the authors and from participants reports. Initially, *Couchsurfing* is contextualized and the matters to be discussed are presented. Then we describe the field reporting and finally the construction of social emerging bonds and trust is discussed as a communication phenomenon.

**Keywords:** *Couchsurfing*. Social bonds. Trust.

## 1 Introdução

**E**m abril de 2000, Casey Fenton, então estudante de Produção em Cinema e Vídeo no Hampshire College, nos Estados Unidos, comprou uma passagem para passar um final de semana na Islândia, embora não conhecesse ninguém nesse país. Como não tinha lugar para ficar e não queria gastar com hotel ou albergue, procurou um banco de dados dos estudantes da Universidade da Islândia e enviou *e-mails* para mais de mil estudantes da universidade dizendo algo como: "Olá, estou indo para a Islândia. Posso dormir no seu sofá e sair com você durante o fim de semana?" Em menos de um dia, recebeu cerca de 50 respostas positivas, tendo que escolher onde ficaria. Fenton decidiu se hospedar na casa de uma cantora, que o levou a pontos turísticos e lugares que dificilmente teria conhecido se não fosse com um morador local.<sup>1</sup>

Anos depois dessa experiência, em 2004, Fenton reuniu três amigos: Daniel Hoffer (licenciado em Filosofia pela Universidade de Harvard), Sebastian Le Tuan (*designer* de interfaces vietnamita) e Leonardo Bassani da Silveira (*designer* gráfico nascido no Brasil) para criarem o que chamaram de *Couchsurfing* (CS), um *site* no qual os cadastrados podem receber pessoas em sua casa ou ficar na residência de outras – exatamente como na experiência de Fenton na Islândia.

---

<sup>1</sup> As informações deste parágrafo estão disponíveis em Botsman e Rogers (2011).

Ao entrar no *site* do CS, embora seja possível visualizá-lo sem possuir uma conta, o interessado em receber pessoas e/ou viajar deve criar um perfil. Além de informações usuais como nome, idade, ocupação, foto(s), cidade onde nasceu e mora, línguas que fala, o perfil deve indicar se “o sofá está disponível para receber pessoas” (é possível dizer sim, não e talvez), se “aceita crianças ou animais de estimação”, como é o cômodo no qual o visitante irá dormir (colchão, cama, sofá, quarto individual ou compartilhado, sala) e se prefere hospedar pessoas do sexo masculino ou feminino, entre outras informações dessa natureza.

Além disso, o usuário pode/deve responder a questões que tentam mostrar sua personalidade e seu estilo de vida. As questões são: *missão atual de vida, descrição pessoal, como participa do CS, experiências com o CS, interesses, filosofia, música, filmes, livros, tipos de pessoas de que gosta, ensine, aprenda, compartilhe, uma coisa incrível que vi ou fiz, opinião sobre o CS*. Outro mecanismo existente no perfil são as *referências*: após uma estadia, quem recebeu e quem foi recebido avalia o outro relatando como foi a experiência e como é a pessoa. Essas duas estratégias, segundo os criadores do *site*, servem para colaborar na construção da confiança entre os sujeitos.

É possível também adicionar amigos ao perfil, entrar em contato com pessoas somente para passear pela cidade e/ou *tomar um café* e criar eventos. Muitas cidades possuem encontros semanais do CS. No Rio de Janeiro, por exemplo, além do encontro semanal que acontece às 20h de toda quinta-feira em um quiosque na Av. Atlântica no bairro de Copacabana, é possível encontrar eventos quase todos os dias, que vão de festas em boates a passeios ao ar livre.

O CS foi registrado como uma organização sem fins lucrativos, porém, em agosto de 2011, conforme apresenta Cabral (2011), a instituição recebeu um investimento de US\$ 7,6 milhões da Benchmark Capital (que já financiou também o eBay, Twitter, Instagram) e passou a funcionar como uma empresa. O recurso foi destinado ao desenvolvimento de aplicativos e a contratação de programadores, *designers*, executivos e publicitários. (CABRAL, 2011). Apesar do investimento, a organização dos serviços de hospedagem é inteiramente gratuita para os viajantes.

Atualmente, o CS reúne cerca de 7 milhões de pessoas em mais de cem mil cidades distribuídas em quase 300 países.<sup>2</sup> Em 2012, o *Couchsurfing* e a empresa *Milk Whale* sistematizaram alguns dados que podem oferecer

---

<sup>2</sup> Informações da organização. Disponível em: <<https://www.couchsurfing.org/n/about>>. Acesso em: 9 dez. 2013.

uma espécie de “retrato numérico” do CS:<sup>3</sup> a média de idade dos usuários é de 28 anos; há um equilíbrio entre as pessoas do sexo masculino (53%) e feminino (47%); 366 línguas diferentes são faladas pelos usuários; dentre as pessoas cadastradas, 46% já hospedaram, e 69% estão disponíveis para atividades como *tomar um café* e *mostrar a cidade*; 2.593 é o número de noites que uma única pessoa já recebeu de viajantes em sua casa, e 689 é o número de noites que uma pessoa já foi hospedada por outras; um único viajante já visitou 197 países para ficar em alguns números.

Em um mundo comumente apontado por muitos e pela mídia como perigoso e inseguro, visto o crescente número de pessoas que se refugiam em condomínios fechados, as câmeras e grades reforçadas, o monitoramento de informações *online* e os dados de estudos que apontam como a violência aumentou no mundo;<sup>4</sup> não é curioso observar como sujeitos que nunca se viram e, muitas vezes, de culturas completamente distintas, baseados em informações autodeclaradas em um *site*, recebem desconhecidos em sua casa? Qual seria a motivação? Economizar dinheiro? Conhecer pessoas? Em um primeiro momento, pode parecer que o CS seja uma prática de jovens *meio-hippies* que moram sozinhos e/ou dividem o apartamento com amigos; contudo, não é o que parece. Alguns dos usuários frequentes são pessoas em torno de 50 anos, com família e que, não raro, viajam com os filhos.

Tentar responder a essas questões satisfatoriamente no espaço de um artigo não parece possível, porém, é cabível refletir sobre as experiências em torno do CS: seu funcionamento, de que maneira as relações são construídas, como os sujeitos interagem, isto é, pensar nas práticas de comunicação que tal construção de vínculo implica. Ao refletir sobre essas práticas comunicativas, segue-se a trilha de Sodré (2001), que entende o objeto de estudo da comunicação como sendo a vinculação social, isto é, como acontece o vínculo, a atração social, como as pessoas se mantêm ligadas socialmente.

Dentre as possíveis maneiras de realizar esse estudo, optamos por uma que parece pertinente a um contexto como o do CS e a intenção aqui almejada: as pistas sugeridas pela “Teoria do Ator-Rede” (TAR), tal como apresenta Latour (2012), e pelo “Método Cartográfico”, que os pesquisadores Passos, Kastrup e Escossia (2009) sistematizaram a partir do

<sup>3</sup> Infográfico com essas informações disponível em: <<http://milkwhale.com/portfolio/couchsurfing-infographic/>>. Acesso em: 9 dez. 2013.

<sup>4</sup> É o que mostra o *Global Peace Index* (GPI), estudo do Institute for Economics and Peace, juntamente com a Economist Intelligence Unit, que é elaborado anualmente desde 2007. O estudo aponta que a violência aumentou no mundo em 2013. Disponível em: <<http://www.visionofhumanity.org/#/page/indexes/global-peace-index>>. Acesso em: 9 dez. 2013.

pensamento de Deleuze e Guattari (1995).<sup>5</sup> A partir da inspiração dessas “maneiras de fazer”, o sujeito pesquisador segue os fatos em construção e, apesar de não se confundir com seu objeto, vê-se afetado por ele. A proposta é trazer para o primeiro plano a elaboração de relatos, priorizando a descrição dos atores e o desenho do que Latour (2012) chamou de “redes sociotécnicas”,<sup>6</sup> para apresentar o fenômeno e discutir as questões propostas.

Partindo de uma experiência de campo realizada por um dos autores do artigo no CS, utiliza-se a descrição do tipo etnográfica como ponto de apoio à construção do conhecimento, conforme propõem Passos e Barros (2009). A descrição é feita em primeira pessoa no intuito de enfatizar a implicação do sujeito pesquisador como parte do trabalho de descrição e análise, coerente com os procedimentos metodológicos escolhidos. Após isso, a questão dos vínculos e da confiança é discutida de forma a evidenciar seus aspectos e questões de comunicação.

---

<sup>5</sup> A TAR é uma forma de abordar os fenômenos sociais no processo de sua fabricação. Sua especificidade como método, que toma emprestado da antropologia algumas de suas ferramentas, reside em “seguir os atores” de forma a acentuar a observação do trabalho de construção dos fatos através do que Latour (2012) chama de “mediação” ou “redes sociotécnicas”. Na TAR, pessoas e coisas são simetricamente consideradas atores (um *site*, uma imagem, um gesto, um discurso, um procedimento, tanto quanto uma pessoa, um anfitrião, por exemplo). É que a noção de rede em Latour não se filia à de sistema, e sim à dos enunciados em Foucault e ao conceito deleuziano de agenciamento, que considera conjuntos de funcionamentos inter-relacionados de elementos diversos que formam determinadas configurações e estabilizações empiricamente observáveis (um modo de discurso, um valor, maneiras de fazer e visões de mundo que fazem com que certas coisas aconteçam do jeito que acontecem). Vemos os procedimentos da TAR muito próximos do método cartográfico de Deleuze e Guattari (1995), sistematizado por Passos, Kastrup e Escóssia (2009). Nessa perspectiva, ao “seguir atores”, o próprio pesquisador se inclui na trama que descreve, assumindo seu papel na construção do conhecimento e rompendo com a dicotomia sujeito-objeto na pesquisa. A narrativa em primeira pessoa é coerente com esse gênero de abordagem.

<sup>6</sup> Para Latour, as redes sociotécnicas são séries heterogêneas compostas de elementos humanos e não humanos conectados, que se agenciam e se afetam mutuamente. A noção de rede em Latour não têm, portanto, a ver com a de sistema ou com a internet, e sim, com a de fluxo e com conjuntos de relações entre pessoas e coisas que formam determinadas configurações e estabilizações (um tipo de discurso, uma determinada ideia, valor, prática ou modo de fazer e uma visão de mundo que fazem com que certas coisas aconteçam do jeito que acontecem. Nessa rede feita de pessoas e coisas, ambos são simetricamente considerados atores (um sofá, um *site*, um evento, um vídeo, uma empresa, uma regra, um discurso, um procedimento, tanto quanto uma pessoa comum, um profissional, um pesquisador, etc.).

## 2 Entrando no *Couchsurfing*

Quando percebi que o *Couchsurfing* seria um bom lugar para estudar a criação de vínculos sociais, como questão de comunicação e sociabilidade, comecei a conversar com pessoas que usavam esse serviço. Durante as entrevistas informais, ficou claro que seria fundamental ter uma experiência no CS por dois motivos: as falas das pessoas eram repletas de adjetivos (todos positivos) e me parecia muito estranho aquilo tudo; além disso, talvez, meu olhar *desapaixonado* pudesse melhor estudar as questões que envolvem essa experiência.

O primeiro passo foi criar um perfil no CS. Levei quase uma hora para preencher todas as questões – não é fácil pensar minha missão de vida, meus interesses, ou a coisa mais incrível que já vi. Verificando o perfil de outras pessoas, é notório como a maioria das respostas a essas perguntas tenta ter um tom *poético*. Com as informações prontas, uma coisa me preocupava: Como conseguir referências (positivas) sem nunca ter usado a plataforma? Afinal, segundo os usuários com quem eu tinha conversado, quando alguém envia um “pedido de sofá”, a primeira coisa que se observa são suas referências. Então, procurei amigos que usam o CS e que pudessem me fazer esse favor. Dos quatro amigos para quem eu pedi somente um me atendeu com uma referência simples e direta: “Ramon is a cool guy, very nice, interested and outgoing.”<sup>7</sup> Depois descobri que os outros, embora tivessem o perfil no CS, não o usavam.

Precisei viajar a Buenos Aires em julho de 2013 para um congresso e aproveitei a oportunidade para começar no CS. Decidi ficar os dias do evento em um hotel, e os restantes (três) no “sofá de alguém” – isso permitiria que eu passasse mais tempo com a pessoa. Com isso definido, era preciso enviar os “pedidos de sofá”. As pessoas com quem eu havia conversado deram-me algumas dicas<sup>8</sup> que segui: envie o pedido para cerca de 10 pessoas, geralmente a metade responde e, dessas, duas ou três aceitam você; fale o motivo da sua viagem; mostre que a pessoa pode aprender algo com você (sua língua, cultura, cozinhar). Enviei convites seguindo essas orientações, informando que era minha primeira vez no CS e que estava indo à cidade para participar de um congresso, enviei, inclusive, os *links* do evento com o meu nome na programação, o que me pareceu ser uma estratégia que contribuiria para que os outros confiassem em mim, já que minhas referências não ajudariam.

<sup>7</sup> Essa referência foi dada por um amigo alemão com quem trabalhei por alguns meses. Ele é muito ativo no CS e utiliza a plataforma há mais de três anos.

<sup>8</sup> Vale notar que essas dicas, assim como as informações que devem constar no perfil, citadas anteriormente, têm um papel na construção da confiança, e isso será retomado posteriormente.

Além dessas dicas, duas das pessoas<sup>9</sup> para quem enviei os “pedidos de sofá” e recusaram porque estariam viajando ou porque o sofá já estava reservado, responderam dando mais duas dicas:

[...] no hagas pedidos impersonales, y leè los perfiles, especialmente los requisitos que se piden en ellos.

[...] wait a few more days before sending the request, because with such advanced notice you'll probably get only “no” because nobody knows what they'll be doing a month from now and a serious host wouldn't commit.

Não há como precisar o número de pessoas com perfil no CS da cidade de Buenos Aires, mas, diante do grande número, era preciso selecionar para quem enviar os pedidos. Usei alguns critérios genéricos que pareciam fazer sentido: ambos os sexos, diferentes idades e usuários antigos, pois teriam mais histórias para contar e mais referências, o que me permitiria confiar mais, já que eu estava tenso com a possibilidade de ficar na casa de um(a) desconhecido(a).

Poucas horas depois de enviar os convites, recebi a primeira e positiva resposta de uma mulher de 30 anos que morava sozinha. Logo na resposta, ela mandou seus contatos no *skype* e *facebook*. Fiquei surpreso com o quanto tinha sido fácil conseguir um “sofá” no CS mesmo com apenas uma referência. Porém, cerca de duas semanas depois, ela enviou uma mensagem dizendo que estava com outras quatro pessoas do CS em casa e que não parecia que iriam embora tão cedo e, como estava com a casa cheia, não poderia mais me hospedar. Disse também que, se alguma daquelas pessoas sáísse, ela me avisaria para eu ir. Apesar de não estar mais com o sofá disponível, ela disse ainda que poderíamos nos encontrar para um café, mas não nos encontramos ou falamos mais.

Conforme tinham me dito, a maioria das pessoas não respondeu ao meu pedido. Porém, as que responderam foram muito simpáticas e justificaram os motivos pelos quais não poderiam me receber. As respostas mais comuns foram: estariam de férias ou já tinham aceitado o pedido de outra pessoa no CS. Todas as respostas que recebi tinham um tom solícito, sempre me desejando boas-vindas ao CS. Seguem alguns trechos sem revisão ou tradução:

<sup>9</sup> O perfil das pessoas citadas não será divulgado para manter sua privacidade.

Ramón, just for you to know, this is by far one of the best couchrequests I've ever had. But, unfortunately, I really can't host you, as I'm moving out next week or the other, and everything is full with boxes. I'm sorry. I'm sure you'll have a wonderful time. (Heli).

Oi querido Ramón. Como vai? Nós muito bem, mais um pouco tristes de não poder-te hospitar! Ficamos com visitas esta semana. Esta semana é muito intensa para nós, já que Nicolás está terminando um trabalho pra à faculdade e Lucía além tem muito que trabalhar. Achamos que não vai dar pra à gente sair pela noite e fazer socialibilidade. Esperamos que a próxima podamos nos conhecer. Ficamos em contato, depois te enviamos uma mensagem com as nossas sugestões de atividades em Buenos Aires. Abraço grande irmão, até mais!! (Nico e Lúcia).

Hi Ramon how are you? Unfortunately I can't host you that days, cause I already set with another CS that is coming to switzerland and is crossing that days. Tell me anything I can help you. Take care! (Brau).

im overwhlm!! everibody its coming to bs as in july!! im already engaged to 2 peoples so i wont be able to have you at home. thoug im realy interested in get to know you and help you visiting buenos aires or just meeting each other!!! So if there is anything else how can i help you let me know!! Saludos!! (Mariana).

Além da primeira resposta positiva que recebi, outras duas pessoas aceitaram meu pedido. Minha ideia inicial era ficar dois dias em cada casa, o que talvez enriquecesse minha análise. Porém, uma semana antes da viagem, somente uma das pessoas respondeu, assim fiquei três dias na casa de Leticia.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Utilizam-se nomes fictícios para manter a privacidade.

### 3 Primeira experiência

O perfil de Leticia foi um dos que mais me chamou a atenção desde o início. Ela é separada do marido e trabalha cerca de seis horas por dia para a Coca-Cola. Sua função é visitar determinado número de estabelecimentos comerciais e informar como está a comercialização do produto. Até aí nada estranho, eu até já tinha uma hipótese sobre ela (obviamente baseada em meus preconceitos): deveria ser uma mulher solitária que usava o CS para conhecer pessoas. Porém, um fato deixava a situação muito curiosa: ela tinha uma filha de 6 anos. Eu me perguntava: Como alguém que mora sozinha com uma criança pode receber estranhos frequentemente em casa?

Leticia mora em um bairro distante do centro de Buenos Aires (cerca de uma hora e meia) com um nome que não remetia a coisas boas: Mataderos – o que talvez contribuísse para o incômodo que eu estava sentindo ao me deslocar para lá, pois não conseguia me acostumar com a ideia de ficar na casa de uma pessoa que nunca tinha visto. Apesar da distância, não foi difícil chegar e por volta das 15h (pouco depois da hora marcada) de uma sexta-feira de sol e com a temperatura em cerca de 10º, eu tocava a campainha de uma pequena e simples vila de três casas. Leticia abriu a porta e, muito receptiva, me abraçou, deu um beijo no meu rosto e perguntou se eu tinha tido dificuldade para chegar e se estava tudo bem. Após minha resposta positiva, agradeci pelo “sofá”, e ela me convidou para entrar.

Já dentro da casa simples, porém bem-organizada e com poucos móveis, uma das primeiras coisas que ela me disse foi que eu dormiria no quarto de sua filha de 6 anos, que não estava em casa naquele momento porque tinha ido visitar o pai. Leticia disse que, embora a proposta do CS seja oferecer o sofá, ela acha desconfortável, por isso, sempre que recebe alguém, ela o acomoda no quarto de sua filha, que passa a dormir com ela no outro quarto da casa.

Sentamos à mesa da cozinha onde Leticia estava tomando chimarrão, que ela prontamente me ofereceu; eu aceitei por educação e começamos a conversar sobre nosso assunto comum: o *Couchsurfing*. Ela tinha feito seu perfil há pouco mais de um ano. Nesse intervalo, já tinha viajado algumas vezes e recebido cerca de dez pessoas de várias nacionalidades. Assim que sentei, uma coisa chamou minha atenção: em meio aos desenhos da sua filha na porta da geladeira, estava uma lista com o nome de várias pessoas, inclusive o meu. Só depois me dei conta que se tratava de uma lista com as pessoas do CS que ela iria receber – depois de mim já tinha cerca de cinco pessoas para os próximos seis meses.

Pedi que ela me contasse sobre suas experiências no CS. Ela disse que adora o *site* e que alguns antigos hóspedes se tornaram amigos. De fato, durante minha estadia, a vi conversando pelo *skype* com duas pessoas que já tinham se hospedado lá. Pude perceber que conversavam sobre as notícias do mundo e questões pessoais, como a relação de Leticia com seu ex-marido. Leticia contou-me que está planejando uma viagem à Europa por insistência de uma das pessoas que ela hospedou e que prometeu pagar suas passagens e viajar com ela. Esse fato talvez indique um pouco dos vínculos criados nesse caso.

Como Leticia só falava de experiências positivas, resolvi perguntar se ela nunca tinha passado por situações complicadas, ao que obtive como resposta: “Sim, claro, mas poucas.” Ela falou de um “sujeito folgado” que queria andar sem roupa pela casa – ele ficou poucos dias lá. Leticia contou também um episódio numa viagem que fez para outro país da América do Sul, quando ficou na casa de um homem que passava o dia inteiro usando drogas e, certo dia, tarde da noite, ele a mandou embora sem explicar. Até hoje Leticia não sabe o que aconteceu. Apesar disso, ela disse que deu uma referência positiva dele, já que a tratou bem e não lhe fez nenhum mal.

Interessante como essas histórias ruins não fizeram Leticia ter receio de usar o CS. Assim como ela, outras pessoas com quem conversei sobre os possíveis perigos do CS sempre dão uma resposta muito semelhante: “Perigos existem em todo lugar.” Uma das usuárias do *site* me contou várias histórias desse tipo: um turco que, bêbado, tentou fazer sexo à força com ela e uma amiga, um francês que se zangou quando ela pediu que ele tomasse banho para a ceia de natal com sua família, entre outras, mas ela também não parecia se incomodar com isso.

Quando a questioneei sobre a importância das referências para poder confiar em alguém, Leticia disse-me que, obviamente, dava muita importância aos comentários de pessoas que já haviam hospedado ou se hospedado a quem enviava o “pedido de sofá” para ela, mas disse também que aceitava pessoas sem referência, como eu, porque era uma forma de ajudá-las a entrar no “mundo do *Couchsurfing*”.

Após as conversas sobre o CS, Leticia contou sobre seu trabalho, a relação complicada que tem com seu ex-marido, falou das suas amigas, da filha – eu contei muito pouco sobre mim. Conversamos durante quase três horas até que ela falou que precisaria sair, pois tinha um compromisso inadiável. Pedi desculpas, disse que não demoraria, e que eu poderia ficar à vontade. Após isso, ela me deu as chaves da casa e saiu. Fiquei constrangido com aquilo, eu ainda nem tinha me acostumado com ela ou com o ambiente e já estava sozinho na casa e com as chaves. Dois dias depois, pouco antes de ir embora, eu falei da minha surpresa com aquele ato, e Leticia

respondeu: “Sim, foi muita confiança, mas acredito que você não venha lá do seu país para me roubar.”

Na manhã do dia seguinte, Leticia deu outro exemplo de confiança: saí sozinho com sua filha para ir a um supermercado próximo e não ouvi nenhuma recomendação de cuidado. Ao contrário do que possa parecer, Leticia parecia ser uma pessoa muito preocupada com a filha e com os outros. À tarde, quando saímos os três para passear, Leticia demonstrava muito cuidado e afeto com a filha. Além disso, ela ainda fez questão de pagar minhas passagens de ônibus. Disse que se eu pagasse com dinheiro sairia mais caro, então era melhor ela pagar com seu cartão.

Minha presença no ambiente doméstico não parecia alterar em nada a rotina da casa. A filha de Leticia estranhou-me no início e mal queria conversar, porém, algumas horas depois, eu estava brincando com ela. Em geral, Leticia chamava a atenção da filha quando era necessário (muitas vezes para ela me deixar em paz) e agiam normalmente.

No penúltimo dia que passei com elas, tive a oportunidade de conhecer Luísa, que Leticia disse ser sua melhor amiga. Durante a conversa com elas, pude descobrir e inferir várias coisas. Leticia tinha muitos amigos e era bastante querida, tinha uma vida social ativa, inclusive alguns homens estavam interessados nela, o que me fez descartar a hipótese preconceituosa de que Leticia talvez usasse o CS por algum tipo de carência. Luísa contou que os vizinhos de Leticia viam com estranheza a grande circulação de pessoas diferentes e estrangeiras na casa de Leticia, que também era muito criticada pelos amigos próximos por receber desconhecidos em sua casa, inclusive o pai de sua filha não sabe disso.

Pouco antes de eu ir embora, agradei pela estadia, e Leticia pediu desculpas por qualquer coisa que não tivesse sido conforme eu esperava. Leticia e eu nos falamos três vezes depois: uma quando eu avisei que tinha chegado em casa (ela pediu que eu fizesse isso), outra quando eu mandei uma mensagem perguntando como elas estavam, e a última quando ela esteve no Nordeste do Brasil e conversamos pelo *skype* sobre como estava sendo sua experiência.

## 4 Sobre a construção de vínculos e confiança

A brasileira Aline Campbell, artista plástica que mora no Rio de Janeiro, percorreu, durante 92 dias, 30 cidades em 14 países da Europa sem dinheiro ou cartão de crédito; usando para se hospedar, principalmente, o *Couchsurfing*. Sua *forma de viajar* não foi motivada por falta de dinheiro, a intenção era ter abertura para conhecer pessoas e culturas diferentes, além

de mostrar que, quando se confia no mundo, nas pessoas, o bem vem. (MANTOVANI, 2013). A artista diz que apesar de algumas situações ruins (ficar muitas horas sem comer, não conseguir carona ou hospedagem em determinado momento), a experiência foi muito positiva e que pretende fazer novamente no Brasil. Ela afirma, ainda, que muitas pessoas que estranharam sua maneira de viajar, hoje aceitam e percebem como dá certo “desde que você confie e acredite”.

Aline Campbell é apenas um exemplo de incontáveis pessoas que já viajaram por diferentes lugares usando o *Couchsurfing*<sup>11</sup> não por motivos financeiros, mas porque dizem estar em busca de experiências que esse estilo de viajar e de se relacionar podem proporcionar. O interesse de Leticia pelo CS segue a mesma linha: é uma maneira de conhecer diferentes culturas, fazer amigos e lidar com a diversidade. O que todas essas pessoas parecem buscar são experiências singulares de se relacionar e de se vincular socialmente, que talvez passem pela confiança ou tenham nessa uma condição de possibilidade.

O antropólogo Miller, a partir de um estudo sobre a cultura material no sul de Londres e da observação de uma *transição* pela qual passam os programas de televisão, diz que o que parece fascinar as pessoas são os relacionamentos: “Nossa obsessão atual é pela necessidade de forjar, manter e conduzir relacionamentos, especialmente entre pessoas que, de outra forma, não tem relação alguma.” (2009, p. 20). Embora Miller (2009) aponte a essa questão a partir de um contexto diferente, parece próximo do que se observa no *Couchsurfing*. E quando o antropólogo fala em *relacionamentos*, especialmente ao pensá-los no âmbito do CS, talvez seja possível entendê-los como “vínculos intersubjetivos” que são inerentes ao processo de comunicação, tal como propõe Sodré, para quem comunicar é instaurar o comum, mas não como ente, mas como vinculação: “Como um nada constitutivo, pois o vínculo é sem substância física ou institucional, é pura abertura na linguagem. O sujeito que se comunica é o mesmo ser como «entre», logo, uma interioridade destinada a uma exterioridade, o outro”. (2007, p. 21).

“Para vincular-se, é preciso que cada um perca a si mesmo, que lhe falte o absoluto domínio da subjetividade e da identidade em função da abertura

<sup>11</sup> Alguns exemplos: o jornalista alemão Michael Wigge, o fotógrafo italiano Gabriele Galimberti e outro jornalista brasileiro. Disponível em: <<http://travel.usatoday.com/destinations/dispatches/post/2012/04/how-to-travel-the-world-%C3%A2%E2%82%AC%E2%80%9C-for-free/667455/1>; <http://www.hypeness.com.br/2013/05/fotografo-viaja-pelo-mundo-registrando-estranhos-que-lhe-ofereceram-um-sofa-em-suas-casas/> e <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL295001-5602,00.html>>. Acesso em: 9 dez. 2013.

para o outro.” (SODRÉ, 2007, p. 21). O comum é, assim, uma espécie de *vazio* que pode ser visto como um espaço relacional, de *vir-a-ser*, nele se constroem os vínculos, para os quais a confiança parece fundamental, pois sem ela, talvez, se torne difícil (ou impossível) a abertura ao *outro*. Esse comum não é predeterminado, é construído na relação, no *entre*, e parece possível pensá-lo, na esteira do pensamento de Rancière (2005), no que ele denominou “partilha do sensível” e que pode ser entendido como um sistema de configurações da experiência social que passa a ser compartilhado, isto é, a partir da abertura de um ao outro, valores, percepções de mundo, desejos, maneiras de sentir são mobilizadas para a construção do vínculo, que determina como certo comum, ou certa experiência, “se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha”. (RANCIÈRE, 2005, p. 15).

Esse comum não é definido ou organizado por mecanismos de um sujeito cognoscente. Na verdade, se tomarmos como referência o pensamento de Buber (2001), que dedicou boa parte de sua obra ao que se pode chamar de uma “ontologia da relação”, é possível considerar que esse comum é anterior ao próprio sujeito, à linguagem e ao sentido. Para Buber (2001), não existe sujeito senão em relação, por isso o vínculo é tão importante como questão de subjetivação<sup>12</sup> e de comunicação, se a entendermos como processo dinâmico de produção de sentido. Porém, considera Buber (2001), que não é qualquer tipo de relação que é capaz de constituir o sujeito, é necessário que essa se baseie em uma atitude que o filósofo chama de *Eu-Tu*, fundada em uma reciprocidade, na entrega e na abertura ao *outro*, e é nesse *encontro* que há uma espécie de arrebatamento que mobiliza e constitui os sujeitos, e esse momento não é dotado de um sentido cognitivo ou mesmo formal, apenas se vive.

Quais formas de vinculação parecem predominar atualmente? Uma possível pista para pensar essa questão é recordar um estudo realizado por Crary acerca da questão da atenção:

A modernidade ocidental desde o século XIX exigiu que os indivíduos se definissem e se adaptassem de acordo com uma capacidade de “prestar atenção”, ou seja, de desprender-se de um amplo campo de atenção, visual ou auditivo, com o objetivo de isolar-se ou focalizar-se em um número reduzido de estímulos. Que nossas vidas sejam tão inteiramente uma colcha de retalhos de tais estados desconexos, não é uma condição “natural” e, sim, o produto de uma densa e

<sup>12</sup> O termo *subjetivação* é empregado aqui no sentido foucaultiano relativo aos modos como em nossa cultura os seres humanos se tornam sujeitos, ou seja, atores e ao mesmo tempo alvo do investimento de um processo de produção social de modos de vida e de visão de mundo. (Rabinow; Dreyfus, 1995, p. 235).

poderosa recomposição da subjetividade humana no Ocidente ao longo dos últimos 150 anos. Tampouco é insignificante o fato de que no fim do século XX uma imensa crise social de desintegração da subjetividade seja metaforicamente diagnosticada como um “déficit de atenção”. (2013, p. 25).

A pesquisa de Crary (2013) foca em como o problema da atenção foi construído desde o final do século XIX, mas a partir do seu estudo é possível sugerir que também a rapidez, a fragmentação, a individualidade, facilmente observadas nas formas de vinculação social atualmente, tem relação com configurações dos sujeitos necessárias para a reprodução de modos de vida construídos ao longo de nossa história recente. São formas de relação que parecem se aproximar muito do que Buber (2001) chamou de atitude “Eu-Isso”, quando a relação possui um caráter instrumental, funcional, sem entrega e abertura ao outro.

É possível observar no CS formas de vinculação que parecem se afastar da atitude “Eu-Isso” e se aproximar da atitude “Eu-Tu”, isto é, que não priorizam uma função, ou papel, que cada sujeito desempenha na relação, mas o afeto que os une, que pressupõe uma confiança e abertura ao outro, ao diálogo. Ainda que cada um ocupe um “lugar”, o que pede o sofá e o que hospeda, são “lugares” não dados a priori, mas sim, construídos a partir da entrega e da confiança ao outro. Leticia deixou de sair com seus amigos no final de semana em que eu estava lá para sair comigo, ela queria saber da minha vida, pagava minhas passagens nos ônibus, se preocupava comigo, mesmo nunca tendo me visto ou sem saber se ainda me veria e/ou se eu faria algo por ela. Mesmo eu, com receio de dormir na casa de uma pessoa estranha e interessado em manter-me distante por causa da pesquisa, quando percebi estava brincando com a filha de Leticia, e me divertindo.

Essa forma de vinculação, ainda que seja possível considerá-la como momentânea, talvez tenha desdobramentos. Duas pessoas com quem conversei disseram que entraram no “mundo da colaboração” por causa do CS, isto é, ingressaram em outros circuitos dessas formas de experiência colaborativa que nos transformam e constroem como sujeitos. Uma dessas pessoas disse que após suas experiências no CS ela percebeu como as “trocas” e a “colaboração” podem ser fundamentais. Ela considera que quanto mais se dá, mais se recebe de volta, embora não necessariamente a mesma coisa, ou no mesmo momento, ou da mesma pessoa ou na mesma intensidade; o é importante primeiro é o gesto de dar<sup>13</sup>. Atualmente, ela é

<sup>13</sup> Embora ela não conheça, é interessante como descreve um sistema muito semelhante ao paradigma da dádiva proposto por Marcel Mauss: MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

proprietária do que chama de uma “empresa social” e que constitui um modelo de negócio baseado na equidade e na partilha dos lucros. Os contratos “são mais na base da confiança” e muito se ganha por meio da troca. É importante destacar que, embora o lucro seja importante, não é um fim em si mesmo. É a experiência da troca como sentido e como valor que parecem ser enfatizados e que configuram práticas e discursos entre pares. A construção de vínculo e da confiança constituem assim, nesse contexto, um ambiente comunicacional que configura e é configurado pelos sujeitos em relação.

É interessante como a própria intenção do CS parece propor outras formas de interação e de sentido para essa experiência de vínculo que põem em questão, por exemplo, as noções de público e privado e de posse e acesso<sup>14</sup>. Definindo-se como uma comunidade global de pessoas, o CS se propõe a conectar viajantes em uma rede de pessoas dispostas a compartilhar suas vidas de maneira profunda e significativa<sup>15</sup>. Como consta no site: “Hotéis ou empresas de turismo podem te garantir uma cama ou te mostrar os melhores lugares, mas não podem tornar sua viagem significativa ou memorável. Pessoas fazem isso”<sup>16</sup>.

A partir dessa proposta, o CS diz trabalhar com cinco valores fundamentais<sup>17</sup>: “compartilhe sua vida”, isto é, partilhe sua casa, móveis, seu tempo. Dizem acreditar que o espírito de generosidade pode alterar profundamente o mundo; “criar conexão”, afirmam que se conectar e aceitar a bondade de “estranhos” fortalece a fé no outro e ajuda a tornar as pessoas melhores; “oferecer bondade”, que inclui tolerância, respeito e valorização das diferenças; “fique curioso”, isto é, compartilhar o desejo de aprender sobre o outro, sobre o mundo e sobre como é possível crescer como pessoa e tornar-se um cidadão melhor através das viagens; “deixe melhor do que você encontrou”, uma postura que se deve ter para com o mundo, os relacionamentos e a casa de seu anfitrião, já que a proposta é tornar o mundo melhor e melhorar a vida uns dos outros.

Conforme foi dito, no “alicerce” dessa proposta de vinculação parece estar a confiança, que no CS passa especialmente pelas referências que as pessoas escrevem umas sobre as outras. Lembro que eu estava preocupado com o tipo de avaliação que Leticia me daria. Ela escreveu o seguinte:

<sup>14</sup> Essas questões não serão desenvolvidas nos estreitos limites desse artigo por não serem seu foco, embora façam parte da pesquisa em andamento.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.couchsurfing.org/n/about>. Acesso em: 9 dez 2013.

<sup>16</sup> Tradução livre de “Hotels and tour companies can give you a bed or show you the sites, but they can’t make your trip truly meaningful or memorable. People do that”. Disponível em: <https://www.couchsurfing.org/n/press>. Acesso em: 9 dez 2013.

<sup>17</sup> Os valores foram retirados e traduzidos a partir do que consta no site. Disponível em: <https://www.couchsurfing.org/n/values>. Acesso em: 9 dez 2013.

Ramon estuvo en casa unos días, donde pudimos compartir cenas, salidas por la ciudad, es una persona super respetuosa, amable, con un monton de paciencia, sobre todo con mi hija que no lo deixo en paz un segundo!! :) Realmente una persona super agradable!! Espero nos crucemos por Rio!!

Fiquei feliz com a referência positiva e percebi que, de fato, elas parecem cumprir um papel ao pedir um sofá ou aceitar um pedido. Após minha segunda referência, recebi seis pedidos de sofá e, em um deles, uma garota chilena disse que estava enviando o pedido porque a “argentina falou que sou muito respeitoso”.

Como as informações não podem ser anônimas, cada pessoa é responsável pelo o que diz e formam uma espécie de “rede de confiança”, constituída não só pelas referências recebidas, mas também pelas dadas, isto é, a forma como avalio os outros também pode falar de mim. E quanto mais referências positivas uma pessoa ganha, mais pedidos de sofá ela deve receber e com mais facilidade os sofás dos outros podem se tornar disponíveis.

Além das referências e de perguntas abertas para oferecer informações “mais profundas sobre as pessoas” (o que foi tratado anteriormente), o CS possui outros dois mecanismos para contribuir na construção da confiança. Por meio do pagamento de uma taxa opcional no cartão de crédito o CS verifica se o nome e o endereço são reais. Leticia, as outras pessoas que entrevistei e eu (propositalmente) não possuímos isso. Embora possa auxiliar na confiança, é possível conseguir sofás sem isso e muitas das pessoas mais ativas também não possuem a “conta verificada”.

A outra estratégia é o uso dos “vouchers”, um símbolo de confiabilidade, uma espécie de testemunho que um usuário oferece a outro e que significa “é seguro surfar neste sofá”. Somente quem já recebeu três vouchers pode oferecer a outros “surfistas”. Possivelmente esse seja o símbolo de confiabilidade mais almejado do CS. Lembro que no início de 2013 eu trabalhava com um alemão e, de repente, ele levantou de sua cadeira e disse, com muita alegria enquanto pulava, “consegui!”. Depois ele me explicou que havia acabado de receber um voucher do CS. Hoje acho que consigo entender aquela animação.

Interessante notar que por meio das referências do CS não apenas se confia em um estranho a ponto de levá-lo para casa, mas também se acredita no que uma pessoa igualmente desconhecida disse sobre ele. E essa confiança é construída, basicamente, por meio da internet. Parece que, ao longo dos anos, “evoluímos” nossa forma de confiar pela web, começamos, talvez, acreditando que as pessoas eram “reais”, compartilhamos informações, entregamos os dados do cartão de crédito e agora estamos nos conectando

a estranhos, abrindo nossas casas para eles e oferecendo o “sofá”. Talvez assim como várias das nossas relações estejam migrando para a internet (compras, educação, namoro) as formas de confiar também.

## 5 Últimas considerações

Richard Sennett (2012) defende que todos os seres são cooperativos, que agem juntos para atingir aquilo que não podem sozinhos. Contudo, vivemos em uma sociedade que, em muitos momentos, nos desabilita da cooperação, o que, dentre outras coisas, se relaciona com o desejo de “neutralizar a diferença” ao invés de conviver com ela (SENNETT, 2012). Mas a construção de vínculos, quer chamemos de colaboração, cooperação, relação, parece fundamental para a existência humana. Conforme defende Buber (2001), o sujeito é posterior à relação. Experiências como o *Couchsurfing* talvez mostrem a necessidade de criar mecanismos de vinculação social baseados na abertura ao outro e que almejam conviver, talvez até aprender, com a diferença.

Ainda que na premissa do CS esteja a necessidade de troca e doação entre os sujeitos e embora a grande maioria das relações que acontecem por meio do site sejam avaliadas como positivas, conforme foi apresentado, não se deve entender isso como se tratando unicamente de bons sentimentos e sujeitos agindo em benefício do outro – ainda que seja isso também. Muitas pessoas podem entrar no CS apenas para viajar de graça e se beneficiar de alguma forma, sem desejar conhecer ou trocar o que quer que seja. Mas nem por isso deixam de ser afetadas em alguma medida por uma experiência que ultrapassa o mero interesse por um “sofá grátis”. É curioso perceber como esse tipo de experiência, ao por em perspectiva, por exemplo, noções como “público” e “privado”, falam exatamente dos modos como somos e vivemos, pensamos e agimos, como mobilizamos pessoas e coisas e somos por elas mobilizados. Como redes sociotécnicas (LATOURETTE, 2012), evidenciam visões de mundo e estilos de vida que parecem contribuir com a emergência de formas de interação horizontais que ganham uma dimensão política: a de produzir pela relação e pela troca formas de vida e percepções sobre o mundo não desinteressadas, mas também não utilitaristas e que podem favorecer a produção de outros sentidos para a experiência social, entre sujeitos tornados pares.

Tratar do *Couchsurfing* foi assim uma maneira encontrada para refletir sobre a construção de vínculos e a constituição de sujeitos na contemporaneidade, como questões essencialmente comunicacionais, se entendermos que o objeto de estudo da comunicação é a “vinculação social” (SODRÉ, 2001). É que ao pensar a comunicação como questão de vínculo é a *relação* como

encontro e como experiência que dá sentido às trocas. O que a experiência com Leticia em Buenos Aires, de Aline e de tantas outras pessoas parecem demonstrar é que a comunicação nunca foi um “por em comum”, mas a experiência mesma de inventar um “comum” nunca fixo e cuja partilha e sentido se atualizam na relação, em processo, mobilizando e configurando práticas, discursos, usos de tecnologias, pessoas e coisas, visões de mundo e modos de vida. O que tais experiências, finalmente, favorecem é um pensamento sobre os processos comunicativos, sejam eles tecnológicos ou midiáticos, e que leve conta de forma indissociável as dinâmicas relacionais, materiais e de sentido que os constroem.

## Referências

BOTSMAN, Rachel; ROGERS, Roo. *O que é meu é seu: como o consumo colaborativo vai mudar o nosso mundo*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2001.

CABRAL, Rafael. Couchsurfing milionário. *Estadão*, agosto de 2011. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/link/couchsurfing-milionario/>. Acesso em 9 dez 2013.

CRARY, Jonathan. *Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

FENTON, Casey. [Entrevista]. Future Travel. Entrevista concedida a Rachel Botsman. *Shareable*, fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www.shareable.net/blog/future-travel>. Acesso em 9 dez 2013.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MANTOVANI, Flávia. Brasileira viaja por 14 países da Europa de carona, sem gastar nada. *G1.globo.com*, dezembro de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/12/brasileira-viaja-por-14-paises-da-europa-de-carona-sem-gastar-nada.html>. Acesso em 14 dez 2013.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. Estudando cultura material no Sul de Londres. In: BARBOSA, Lúvia; PORTILHO, Fátima; VELOSO, Letícia. (Orgs.). *Consumo: cosmologias e sociabilidades*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p.17-37.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível – estética e política*. São Paulo: Ed 34, 2005.

RABINOW, P. & DREYFUS, H. *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica* (V. P. Carrero, trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

SENNETT, Richard. *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SODRÉ, Muniz. Sobre a episteme comunicacional. *Revista Matrizes*, n. 1, p. 15-26, outubro de 2007. Disponível online em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/38>. Acesso em: 11 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. [Entrevista]. Objeto da comunicação é a vinculação social. Entrevista concedida a Desirée Rabelo. *PCLA – Revista Científica Digital*. v. 3, n. 1, out/nov/dez de 2001. Disponível online em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/revista9.htm>. Acesso em: 11 dez. 2013.